

SESSÃO: Processos e Tecnologias de Projeto e Planejamento.

EIXO TEMÁTICO: Projeto de Arquitetura e Projeto Urbano.

TEMA: Projeto, Desenho Urbano e Morfologia da Cidade.

A URBANIDADE DAS ÁREAS VERDES DO SETOR SUL / GOIÂNIA – CARTOGRAFANDO BRICOLAGENS E DESEJOS

Ana Carolina Carvalho Farias

Mestranda no Programa Projeto e Cidade, Universidade Federal de Goiás, Goiânia / Brasil

carol@sobreurbana.com

Pedro Dultra Britto

Professor Dr. no programa de Pós Graduação Projeto e Cidade, Universidade Federal de Goiás,

Goiânia / Brasil

pdbritto@gmail.com

A URBANIDADE DAS ÁREAS VERDES DO SETOR SUL / GOIÂNIA – CARTOGRAFANDO BRICOLAGENS E DESEJOS

RESUMO

Em contraste com a cidade tradicional, a cidade construída a partir do século XX é composta por uma maior quantidade de vazios. Tal situação resulta de códigos arquitetônicos higienistas, de uma grande infraestrutura viária fruto do zoneamento excessivo e frequentemente monofuncional, além do foco dado aos edifícios em detrimento às áreas livres dos espaços públicos. No entanto a cidade contemporânea continua servindo a pessoas e a suas relações sociais, que acabam se apropriando desses espaços, de alguma forma. Atento a esse devir, este artigo investiga a forma em que se dá a apropriação das áreas verdes do Setor Sul, em Goiânia, bairro nobre de localização central. O Setor Sul integra o plano inicial da cidade e seu desenho foi inspirado no modelo de cidade-jardim, entrecortado por uma extensa malha de áreas verdes. Tais áreas acabaram como espaços residuais, com precárias condições de uso, representando fronteiras intrabairro e espaços de atividades marginais. No entanto é possível perceber nesses espaços públicos sinais de apropriações feitas por pessoas que neles se aventuram. Essas apropriações revelam a urbanidade possível nessa paisagem e, segundo Certeau (1998), elas seriam uma forma qualificada de produção do espaço urbano, em resposta à produção racionalista, feita por técnicos e políticos que jamais terão o domínio absoluto do espaço por eles criado. O autor denomina essas práticas cotidianas como táticas, entendidas como as astúcias dos mais fracos, ao aproveitarem as brechas do sistema dominante. Essa arte de produzir com as próprias mãos e a partir do que se tem à mão Lévy-Strauss (1989) denomina de bricolagem, práticas sempre impregnadas com algo de seu autor, reveladoras de afetos. Táticas urbanas bricoladas são, portanto, representações individuais e aspirações por vezes utópicas sobre o caráter do espaço público; urbanismo tático preenchendo os vazios estratégicos da cidade. De modo a contribuir para a compreensão da heterogeneidade da produção e uso da cidade, este artigo busca reconhecer essas manifestações de urbanidade pelo bairro-jardim de Goiânia através da produção de uma cartografia que localize tais materialidades no contexto em que foram criadas, buscando perceber os movimentos de desejo que as formam (ROLNIK, 2006). Acredita-se que suas composições poderão ajudar a compreender a urbanidade resultante da matéria que compõe o bairro-jardim de Goiânia.

ABSTRACT

In contrast to traditional city, the city constructed from the twentieth century is composed of a greater number of voids. This situation results from hygienists architectural codes of a large road infrastructure result of excessive zoning and often monofunctional, beyond the focus given to buildings over the free areas of public spaces. However the contemporary city continues to serve the people and their social relations, which end up appropriating these spaces, somehow. Mindful of this becoming, this article investigates how are the appropriation of the green areas in the South Sector, in Goiânia, a rich neighborhood of central location. The South Sector is part of the original plan of the city and its design was inspired by the garden city model, intersected by an extensive system of green areas. Such areas are now just as residual spaces, with poor conditions of use, representing internal borders and areas of marginal activities. However you can see in these public spaces appropriations signs made by people who venture into them. These appropriations reveal urbanity possible in this landscape and, according to Certeau (1998), they would be a qualified form of production of urban space in response to rationalistic production, made by technicians and politicians who will never have the absolute control of the space they created. The author calls these daily practices as tactics, understood as the wiles of the weakest, to seize the loopholes of the dominant system. This art of producing with their own hands and from what you find to Lévy-Strauss (1989) calls bricolage (do it yourself), always impregnated practices with something of its author, revealing affections. DIY urban tactics are therefore individual representations and aspirations sometimes utopian about the character of public space; tactical urbanism filling strategic gaps in the city. In order to contribute to the understanding of the heterogeneity of the production and use of the city, this article seeks to recognize these manifestations of urbanity by garden-district of Goiânia by producing a map to locate such material

issues in the context in which they were created, seeking to realize the desire that the movements form (ROLNIK, 2006). It is believed that his compositions will help understand the resulting urbanity of matter that makes up the garden-district of Goiânia.

PALAVRAS – CHAVE: Processos de projeto, Cidade-jardim, Bricolagem, Cartografia, Urbanidade.

KEY WORDS: Project's process, Garden city, Bricolage, Cartography, Urbanity.

A URBANIDADE DAS ÁREAS VERDES DO SETOR SUL / GOIÂNIA – CARTOGRAFANDO BRICOLAGENS E DESEJOS

1. INTRODUÇÃO

O Brasil foi um importante território de práticas para o urbanismo moderno. Dentre várias experimentações, Goiânia foi uma capital de estado planejada entre o final do século XIX e o início do século XX, construída a partir da década de 1930 no sertão goiano (MANSO, 2001).

Um articulado discurso de modernidade orientou a concepção da cidade (GONÇALVES, 2002). Assim, Goiânia foi criada a partir de novas teorias urbanas que se colocavam à mostra nos principais centros da cultura ocidental naquela época, dentre elas a proposta de cidade-jardim desenvolvida pelo inglês Ebenezer Howard. Mas foi também fruto de uma prática especulativa que deturpou as boas ideias de Howard.

Em sua proposta Howard defendia a união entre as vantagens da cidade (acesso a equipamentos e serviços públicos) e as vantagens do campo (acesso à natureza e facilidade de produção de alimentos), num modelo de cidade entremeada por áreas verdes, cujo arranjo administrativo e econômico tornava-a autossuficiente e a viabilizava financeiramente (HOWARD, 1996).

No entanto a experimentação goiana da cidade-jardim deu-se em um bairro residencial, o Setor Sul, cujo plano ficou marcado por um intrincado sistema de áreas verdes que formavam um cinturão e uma malha intrabairro, através de um elaborado sistema viário que previa a hierarquização de vias, com um desenho orgânico repleto de *cul-de-sacs*, como mostra a Figura 1 (GONÇALVES, 2002). Sua principal característica são os extensos interiores de quadras de uso público que, ignorados no processo de implantação do bairro, iniciado na década de 1940, só vieram a receber algum equipamento ou mobiliário no final da década de 1970, trinta anos após o início de sua ocupação, com a implantação do projeto CURA - Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada (FARIAS; ANDRADE; TENÓRIO, 2014). O CURA foi um programa do extinto BNH - Banco Nacional da Habitação – que incentivava a ocupação de áreas urbanas ociosas para otimizar o investimento em infraestrutura urbana. Foi aplicado no Setor Sul a partir da década de 1970 e finalizado na década de 1980, sem a conclusão dos trabalhos.



Figura 1 – Planta do Setor Sul, elaborada com a consultoria de Armando Augusto de Godói. Fonte: GONÇALVES, 2002, pág. 43.

Apesar do investimento de recursos financeiros orientados dentro de um programa de política pública nacional, e apesar de o CURA se efetuar através de um processo participativo que buscou ouvir as demandas dos moradores para definir suas estratégias, os equipamentos implantados foram alvo de muita discussão e sequer foram finalizados. Hoje, passadas quatro décadas dessa empreitada, os equipamentos do CURA figuram, em sua maioria, como ruínas em meio a uma paisagem de flagrante abandono, conforme se observa na Figura 2 (MOTA, 1999).



Figura 2 – Estruturas implantadas pelo CURA, hoje em situação de degradação. Fonte: Acervo da autora.

As áreas verdes do bairro estiveram, assim, historicamente subutilizadas, como espaços residuais no tecido intraurbano da cidade. Nem a visão utópica do projeto inicial e nem o projeto CURA foram suficientes para firmar uma urbanidade de maior vitalidade nesses espaços. Como resultado, eles são hoje percebidos pela maior parte da população como lugares inseguros, vazios, sujos, a serem evitados (FARIAS; ANDRADE; TENÓRIO, 2014).

No entanto, ao observador que se aventura a percorrer os miolos de quadra do Setor Sul, é perceptível a presença de sinais de interação e apropriação do espaço público, feitas por alguns moradores, trabalhadores ou passantes.

Os estudos de Certeau (1998) sobre o cotidiano solidificaram importantes caminhos para a compreensão da cidade formada a partir do protagonismo do homem comum. Certeau utiliza o conceito de tática para contrapor os arranjos estratégicos utilizados pelos meios oficiais de planejamento das cidades.

Já os estudos de Levy-Strauss (1989) observaram a atuação do *bricoleur* – aquele que trabalha com as próprias mãos a partir de recursos encontrados em determinado meio – entendendo que suas escolhas refletem seu caráter, ou seja, há na *bricolagem* um bocado da vida de quem a produz. Assim, conhecer as estruturas *bricoladas* nas áreas verdes do Setor Sul pode ajudar a compreender a urbanidade travada pelo cotidiano daquelas pessoas.

Atualmente, crescem em todo o mundo movimentos de reivindicação por espaços públicos de qualidade. Assim, faz-se importante observar a urbanidade enquanto registros de movimentos de desejo – o desejo de habitar, de conviver ou mesmo o desejo de se resguardar, de proteger-se. Para esse levantamento, a cartografia sentimental tal como proposta por Ronilk (2006) é também um instrumento político de reposicionamento de interesses sociais, dando visibilidade e potencializando desejos de novos mundos.

Neste sentido, este artigo apresenta uma cartografia das *bricolagens* encontradas nas áreas verdes do Setor Sul, percebidas como formas de apropriação de um espaço público em gestação. Ainda, considerando essas áreas enquanto espaços abertos ao devir, frutos da ação racional e determinista do planejamento urbano, mas também das irracionalidades deste mesmo planejamento a serviço da especulação imobiliária, acredita-se que essas apropriações oferecem respostas sobre como integrar aquelas áreas à vida pública do bairro.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A UTOPIA CONFRONTADA PELA TRADIÇÃO

Ainda em meados do século XX, enquanto algumas cidades eram construídas ou completamente reformuladas baseadas em modelos ideais e utópicos, vários autores já reconheciam a dificuldade de implementação dessas boas ideias e o fato de que algumas delas na prática, contribuíam para aumentar os problemas urbanos (NESBITT, 2008).

Jacobs (2009) já na década de 1960 elencou algumas “Táticas Diferentes”, onde propunha, dentre outras coisas, a necessidade de rever processos considerando que pessoas comuns tem a capacidade de pensar e fazer a cidade com mais assertividade do que os especialistas.



Figura 3 – Plano Inicial de Goiânia. Na parte de baixo o Setor Central, idealizado por Atílio Correia Lima e, na parte superior, o Setor Sul, idealizado por Armando Augusto de Godói. Fonte: MELLO, 2006, p. 41.

O processo de construção e ocupação da cidade de Goiânia a partir da década de 1930 oferece muitas pistas para se compreender as aventuras do urbanismo moderno. Feito a quatro mãos (iniciado por Atílio Correia Lima e finalizado pela consultoria de Armando

Augusto de Godói), o plano inicial da nova capital incorporou dois modelos de cidades: a cidade industrial (da proposta de Tony Garnier) como referência para os Setores Centro e Norte projetados por Atílio e a cidade-jardim (da proposta de Ebenezer Howard) como referência para o Setor Sul, após as alterações feitas por Godói (MANSO, 2001) (Figura 3).

Ambos os modelos utilizados propunham um cinturão verde no entorno da cidade, o zoneamento de funções e a adoção de uma malha viária hierarquizada. No entanto, o desenho resultante da proposta de Godói para o Setor Sul tem despertado a realização de inúmeros estudos, especialmente pela extensa malha verde que estrutura seu tecido internamente e que permanece subutilizada.

Além da intensa arborização das vias, a cidade-jardim tal como idealizada por Howard era abraçada por um cinturão verde pensado para receber atividades de lazer e contemplação da natureza mas também para a produção de alimentos. As áreas verdes figuravam a proposta de Howard cumprindo um papel sanitaria, de elo com as virtudes do campo, mas também econômico (HOWARD, 1996).

A primeira cidade-jardim a ser construída foi Letchworth, a pouco mais de cinquenta quilômetros de Londres, a partir de 1902, e seu plano inicial foi concebido por Raymond Unwin e Barry Parker. Os jardins fronteiros, os passeios gramados, a arborização urbana e todo o paisagismo do sistema de áreas verdes recebeu cuidados especiais para que formassem uma atmosfera agradável, com suas virtudes disponíveis a todos. Por outro lado, o cuidado com a qualidade arquitetônica das edificações evitava a diferenciação entre frente e fundo, garantindo a continuidade estética da malha verde (HOWARD, 1996) (Figura 4). O mesmo não aconteceu no Setor Sul, em Goiânia (Figura 5).



Figura 4 – Área verde interna a quadra residencial na cidade-jardim de Radburn/EUA, com cuidadoso tratamento paisagístico. Fonte: HOWARD, 1996, pág. 81.



Figura 5 – Área verde interna a quadra residencial no Setor Sul, sem nenhum tratamento paisagístico.

Fonte: Acervo da autora.

As ideias de Howard influenciaram experiências em diferentes partes do mundo, com diversos graus de sucesso mas, em sua maioria, adotando uma ideia distorcida da cidade-jardim proposta originalmente. De um modo geral a imagem de uma cidade verde e calma inspirou a criação de bairros residenciais para a classe média, geralmente localizados nos subúrbios, melhorando em termos a qualidade ambiental para seus moradores privilegiados (HOWARD, 1996).

Nos Estados Unidos as ideias da cidade-jardim também tiveram forte influência na construção de subúrbios e de novas cidades, e contaram com o apoio de pensadores como Lewis Mumford, Clarence Stein e Henry Wright, entre outros. Lá, dois pontos do modelo de Howard foram mais desenvolvidos: a hierarquização das vias, com a adoção da separação do tráfego entre pedestres e veículos, e a adoção do interior de quadra livre e de uso comum com a implantação de equipamentos públicos (HOWARD, 1996). Essas experiências foram a base para o conceito de unidade de vizinhança, cujo desenvolvimento é atribuído a Clarence Arthur Perry. A utopia aqui perseguida era retomar as vantagens da convivência entre vizinhos. (MELLO, 2006).

No Brasil foram criados vários novos bairros para a classe-média com o status de cidade-jardim. O Jardim América, em São Paulo, foi planejado em 1919 pela mesma dupla de arquitetos que desenvolveram o plano de Letchworth na Inglaterra, Unwin e Parker. Aqui no Brasil eles utilizaram um desenho mais sinuoso para a malha viária e propuseram jardins internos às quadras para o uso coletivo dos moradores. No entanto esses jardins não foram aceitos e suas áreas foram loteadas décadas mais tarde (HOWARD, 1996).

A proposta do Setor Sul em Goiânia aproxima-se mais da cidade-jardim desenvolvida pelos americanos do que com a de Howard e seus seguidores ingleses. Sua malha sinuosa e repleta de *cul-de-sacs* esconde uma extensa rede de áreas verdes cravadas nos interiores

de quadras que deveriam ter recebido os equipamentos públicos para o cotidiano das pessoas, de modo a serem o espaço vital do bairro.

No entanto, as áreas verdes do bairro permaneceram residuais ao longo de sua história, por dois motivos principais: por não terem recebido tratamento adequado, nem com paisagismo e nem com a implantação de equipamentos públicos; e por causa da construção das edificações de costas para as áreas verdes e de frente para os *cul-de-sacs* que deveriam servir apenas como acessos de serviço. Mello (2006) atribui esse fato à força da tradição, visto que, como defende Freitag (2002), mesmo os projetos urbanísticos racionais e projetados para o futuro, na prática eles revelam em sua nova estrutura urbana a continuidade com o passado.

Ou seja, a imposição de uma nova ordem formal não é capaz, por si só de construir uma nova sociedade, visto que qualquer povo que vá ocupar um novo território levará consigo suas tradições, sua forma de morar anterior. No caso goianiense, os novos moradores do bairro-jardim vinham especialmente da Cidade de Goiás, antiga capital do estado, e de outras cidades do interior, onde a rua tinha importante papel na vida pública das pessoas, não os parques (GONÇALVES, 2002).

Além disso, tanto na cidade-jardim de Howard como nas unidades de vizinhança americanas, o Estado, em diferentes graus desde a administração municipal às associações de bairro, desempenhava papel fundamental na mediação entre os interesses coletivos e individuais (HOWARD, 1996).

Já no Setor Sul o Estado não teve o mesmo pulso, pelo contrário: não conseguiu segurar o início da ocupação do bairro que acabou acontecendo uma década antes do previsto e antes de ele ser implantado, não deu tratamento às áreas verdes para que elas de fato servissem para o cotidiano das pessoas, e até autorizou a venda de alguns acessos a essas áreas para alguns moradores (MOTA, 1999).

O descaso com o tratamento das áreas verdes do Setor Sul levou a uma situação indesejada de urbanidade, com pouca ou nenhuma vida pública naqueles espaços. Ali a falta de vitalidade tirou das pessoas o hábito de participarem da vida pública do local e as tornou refém de uma vigilância institucionalizada por fortes aparatos tecnológicos.

2.2. URBANIDADE *BRICOLADA* – O DESEJO ORIENTA A APROPRIAÇÃO

Solà-Morales (2008) observa que a urbanidade decorre da articulação das coisas materiais que formam a cidade – muros, portas, calçadas, cheios, vazios etc. Mais do que das

funções ou atividades de um lugar, mais até que de sua localização, sua urbanidade depende do valor de uso que ele tem. Ou seja, as pessoas só terão alguma relação afetiva com o lugar e assim lhe vão conferir significado, a partir do uso real que dele fizerem.

Nesta perspectiva, é intrigante compreender a urbanidade existente nas áreas verdes e esvaziadas do Setor Sul. Rowe e Koetter (2008) identificaram que a cidade moderna resultou de uma inversão da proporção entre espaço construído e espaço livre, criando áreas sem vida no tecido urbano. O bairro-jardim de Goiânia representa muito bem essa situação.

A utopia contida no modelo de cidade em que se espelhou o Setor Sul – unidades de vizinhanças protegidas do tráfego de automóveis e ambientadas em áreas verdes – dependia de um comportamento que não era natural de seus moradores.

Rowe e Koetter (2008) defendiam a justaposição de diferentes referências utópicas na paisagem urbana, tratando a utopia como imagem e em fragmentos. Os autores observaram que os grandes projetos urbanos utópicos, característicos do modernismo, tornavam-se obsoletos antes mesmo de serem postos em prática, por isso defendiam a justaposição de imagens utópicas dentro da cidade, como forma de ela acolher o pluralismo de opiniões e visões que existe na sociedade.

Como proposta de projeto, desenvolveram a colagem – importação consciente de objetos e episódios para diferentes contextos, como forma de garantir integridade à pluralidade de referências que pautam determinada sociedade. Os estudos de Rowe e Kottter (2008) se inserem em uma linha do pós-modernismo que vai se interessar por uma prática de projeto e planejamento mais empírica e atenta ao contexto.

Nesta mesma linha, Lévi-Strauss (1989) confrontando o conhecimento científico com o pensamento mítico, trouxe o conceito de *bricolagem* – o trabalho com as próprias mãos, utilizando-se de utensílios e materiais captados oportunamente para responder, na medida do possível, aos problemas colocados diante de si. O *bricoleur* depende, portanto, de um conhecimento prévio de mensagens por ele reconhecíveis e que de alguma forma ele coleciona para utilizar quando for conveniente. Assim, há na *bricolagem* sempre um pouco do repertório, do universo do *bricoleur*.

Para melhor utilizar o conceito dessa *bricolagem urbana* na heterogeneidade que oferecem as cidades, passando por seu equivalente em inglês - *do it yourself / DIY* (faça você mesmo) - optou-se nesta pesquisa pelo termo 'estruturas improvisadas', cujo autor será aqui tratado por 'improvisador'.

Assim, o trabalho do improvisador no ambiente urbano pode ser entendido como sinal da urbanidade material de que fala Solá-Morales, na medida em que representa uma interação entre o habitante e o ambiente urbano e seus meios materiais. As estruturas improvisadas resultantes de movimentos de apropriação do espaço público podem ser entendidas como ações táticas na cidade, conforme exposto por Certeau (1998), onde o sujeito à sua maneira, constrói a sua colocação no espaço público, interagindo com a cidade, fazendo a cidade, à revelia das intenções estratégicas do poder dominante.

Por carregar em si um pouco do improvisador, as estruturas improvisadas materializam na paisagem urbana um movimento de desejo e consumo dessa paisagem. Portanto, a cartografia sentimental tal como apresentada por Rolnik (2006) é uma técnica adequada para a percepção dos desejos que orientam a urbanidade gravada pelo improvisador. A autora define a cartografia como uma técnica que, diferente do mapa, percebe o que é invisível e imprevisível na paisagem, conseguindo captar assim os movimentos de desejo que transfiguram a paisagem vigente. Seria, então, a prática do cartógrafo, uma ação estratégica para a formação do desejo no campo social.

Rolnik (2006) entende que o desejo é uma produção de artifício que surge do agenciamento dos corpos, num movimento que é energético, pois produz intensidade (a emoção do improvisador) e também semiótico pois produz sentidos (o universo do improvisador que resulta da decodificação de mensagens prévias). Assim como o improvisador, o cartógrafo também inventa os seus procedimentos conforme o contexto e deixa-se guiar conforme a abertura para a vida a que ele se permite.

Sendo assim, a prática do cartógrafo é uma prática política, pois diz respeito à escolha de novos mundos, como diz a autora: “A análise do desejo, desta perspectiva, diz respeito, em última instância, à escolha de como viver, à escolha dos critérios com os quais o social se inventa, o real social” (ROLNIK, 2006, p.69).

Portanto, utilizar a cartografia sentimental para perceber as manifestações de urbanidade improvisadas nas áreas verdes e esvaziadas do Setor Sul é uma forma de reconhecer nessa paisagem criada racionalmente com uma orientação utópica fracassada novas possibilidades de apropriação e reconstrução dos desejos que orientam a formação da vida pública no local.

2.3. MÉTODO PROPOSTO

Para investigar os sinais de urbanidade nas áreas verdes do Setor Sul através das estruturas improvisadas em sua paisagem, esta pesquisa se utilizou da cartografia

reconhecer aspectos mais intangíveis que possam ter influenciado as escolhas do improvisador.

Essa permanência no espaço também possibilita a identificação da origem de alguns materiais/ utensílios utilizados, um possível diálogo entre o improvisador e os códigos por ele previamente colecionados. Todas essas observações recomenda-se que sejam arquivadas em um mini memorial descritivo estruturado da seguinte forma: objetos, materiais, usos, contexto, desejos.

Da análise desse material – registro fotográfico, memorial descritivo e inserção das estruturas em um mapa sentimental – é possível reconhecer movimentos de acolhimento/repulsa da paisagem concebida racionalmente. Tal movimento pode responder sobre erros/acertos dessa ação racional. Outra resposta possível a partir de tal análise diz respeito à caracterização da urbanidade insurgente nas esvaziadas áreas verdes do Setor Sul.

3. CARTOGRAFANDO *BRICOLAGENS* URBANAS E AFETOS – UM ENSAIO

Durante uma ordinária manhã de quarta-feira, a cartógrafa se propôs a um passeio pelas áreas verdes do Setor Sul. Suas ferramentas de trabalho: uma bicicleta, um smartphone, um mapa, lápis, caderno de anotações e uma boa dose de curiosidade.

Buscando percorrer a parte previamente definida do bairro, atravessando suas áreas verdes, iniciou seu percurso na praça ao lado do Centro Cultural Martim Cererê e a cada descoberta fez uma parada para registro. Por não ter havido a definição prévia de um roteiro, o passeio revelou à cartógrafa recantos por ela ainda não percorridos.

Muitas das áreas percorridas não tem um nome oficial e os nomes das ruas que as circundam são geralmente insuficientes como referência para que as pessoas se orientem e se localizem. Portanto, para localização dos locais de parada optou-se, nesta pesquisa, por utilizar somente a localização geo referenciada na plataforma *on line Google Maps*. Os pontos de paradas e o mini memorial descritivo dos achados ficam assim registrados em um mapa compartilhado, ilustrado na Figura 23, e melhor visualizável no link < <http://goo.gl/U7XpZN> >.

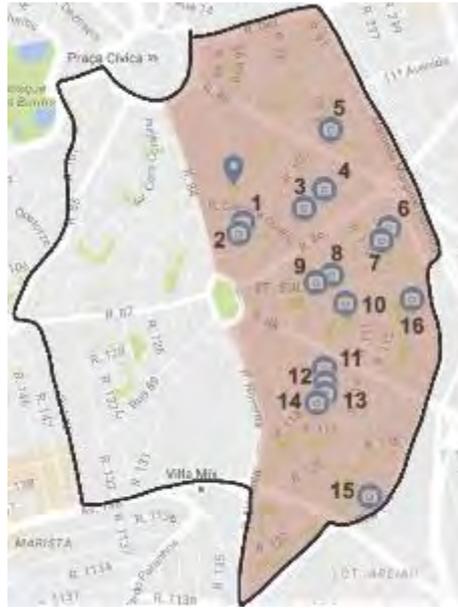


Figura 23 – Mapeamento das Paradas. Fonte: Imagem tratada pela autora a partir do Google Maps.

O critério de busca foi identificar e registrar estruturas que fossem testemunhos de uso das áreas verdes, visivelmente fabricadas de forma improvisada pelos moradores ou usuários dos espaços. A seguir, a descrição dos achados, identificados por “PARADAS”, e a citação dos desejos que supostamente essas estruturas improvisadas representam.

PARADA 1 (Figura 7) - As ruínas do que aparenta ter sido um forno revela um movimento atualmente comum no bairro, de substituição das residências por estabelecimentos comerciais e de serviços. Estruturas originalmente construídas para confraternização e reunião de pessoas, perdem o sentido em um contexto onde o lugar é ocupado por pessoas e atividades que não objetivam criar vínculos com o lugar ou com a vizinhança. No entanto, o desejo de quem o construiu parece ter sido o de interagir com vizinhos, de sociabilizar.

PARADA 2 (Figura 8) - Os restos do toldo destaca, em um trecho onde a maioria das edificações tem as costas voltadas para a área verde, a tentativa de uma delas em estabelecer relação visual e de circulação com o lugar. Fato marcante no processo de ocupação do bairro, vários imóveis foram divididos em dois: uma residência principal voltada para a rua, por onde o automóvel conseguia chegar, e outra residência para aluguel com acesso pela marginalizada área verde. Percebe-se nitidamente o padrão arquitetônico inferior da residência que um dia teve o toldo. Percebe-se também o improvisado em que este foi construído, com instalação e altura inadequadas a seu propósito. No entanto, o desejo foi, claramente, de proteger o acesso da casa.



Figura 7 - PARADA 1. Fonte: Acervo da autora.



Figura 8 - PARADA 2. Fonte: Acervo da autora.



Figura 9 - PARADA 3. Fonte: Acervo da autora.



Figura 10 - PARADA 4. Fonte: Acervo da autora.



Figura 11 - PARADA 5. Fonte: Acervo da autora.



Figura 12 - PARADA 6. Fonte: Acervo da autora.

PARADA 3 (Figura 9) - As poltronas estão instaladas em um trecho de área verde que anos atrás foi atravessado pela construção de uma rua que dá acesso a um centro médico. Como aconteceu noutros trechos que também receberam a abertura de vias, se por um lado tal

obra de engenharia reduz a permeabilidade do solo e deturpa o propósito original de priorização do pedestre, convivência social e contemplação da natureza, por outro, contribui para revelar essas áreas que por muito tempo estiveram esquecidas no tecido da cidade. Contribuem para trazer mais agitação para a vida pública do lugar. O morador que pousou aí as poltronas, certamente busca interação com esse movimento, deseja observar e sociabilizar.

PARADA 4 (Figura 10) – Aqui é revelado um aspecto negativo da pressão por abertura de vias nas áreas verdes do bairro-jardim. Trata-se de um trecho que recebeu pavimentação asfáltica recentemente, devido ao pedido feito à prefeitura por um grupo político que se instalou recentemente em imóvel alugado na viela que dá acesso à área. Moradores do local por anos reivindicaram à prefeitura que desse algum tratamento paisagístico na área de modo a atenuar problemas comuns como o depósito inadequado de lixo sob as árvores. No entanto, entre diferentes forças de desejo o pedido atendido pelo poder público foi o de pavimentar a área, que de certa forma contribuiu para a redução do lixo mas também para a redução do potencial do local enquanto área verde. Como complemento da obra, a prefeitura plantou algumas mudas ornamentais que tiveram dificuldade em resistir à seca e aos automóveis que não se restringem a circular sobre o pavimento asfáltico. Como resposta, alguns moradores fizeram a delimitação do canteiro com cacos de telha cerâmica, de modo a proteger as plantas que eles mesmos regam diariamente. Desejam proteger a natureza e aproximar-se dela.

PARADA 5 (Figura 11) - A estrutura identificada, um abrigo para animais de rua, revela a preocupação do morador com esses habitantes bastante frequentes nas áreas verdes. Novamente, o morador deseja aproximar-se da natureza, protegendo os animais.

PARADAS 6 e 7 (Figuras 12 e 13) - Aqui as estruturas identificadas revelam tentativas de entrosamento com partes das áreas verdes de pouca circulação de pessoas. Trata-se de um longo trecho que possui atualmente apenas um discreto acesso sendo, portanto, frequentado quase que só por moradores. No entanto o local tem bastante potencial para implantação de equipamentos que favoreçam a convivência, pela dimensão de sua área livre. Apesar de haver alguns bancos de concreto implantados pelo CURA, percebe-se uma maior utilização das estruturas *bricoladas* por moradores à porta de suas casas. Tal preferência pode ser atribuída a medidas de segurança mas também pelo fato de os bancos implantados pelo CURA estarem situados em locais desfavorecidos de sombra e sem nenhum propósito de uso, pois nem apoiam alguma atividade e nem indicam paisagens a apreciar (Figura 13-A). Assim, as estruturas aqui improvisadas expressam desejos de oferecer oportunidades para sentar, observar, interagir com vizinhos, sociabilizar.



Figura 13 - PARADA 7. Fonte: Acervo da autora.



Figura 13-A – Bancos implantados pelo CURA em local inóspito. Fonte: Acervo da autora.

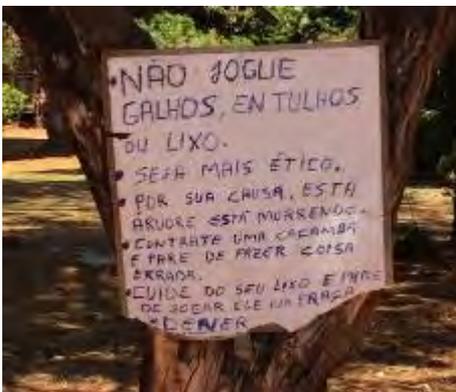


Figura 14 - PARADA 8. Fonte: Acervo da autora.



Figuras 14-A (esquerda) e 14-B (direita) – Detalhe da amarração da placa e vista da árvore, um exemplar adulto de flamboyant. Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 15 - PARADA 9. Fonte: Acervo da autora.



Figura 15-A – Canaleta. Fonte: Acervo da autora.

PARADA 8 (Figura 14) - Novamente o problema do depósito inadequado de lixo. Contam alguns moradores que para além da displicência de alguns de seus vizinhos que insistem em fazer dessas áreas verdadeiros lixões, a coleta realizada pela prefeitura só agrava a

situação. Para retirar o lixo a prefeitura utiliza de um maquinário equivalente a uma mini escavadeira, que acaba fazendo buracos no piso geralmente sem pavimento. Como frequentemente as pessoas depositam lixo sob árvores, a equipe da prefeitura, ao escavar, danifica a base do caule e as raízes dessas árvores. Com o tempo algumas delas não resistem à violência, como poderá ser o caso da árvore identificada nesta parada (Figura 14-A), a menos que o Sr. Dener (que assina a placa) saia vitorioso em sua comunicação. O imprevisto na instalação da placa também revela cuidados para não machucar a árvore ainda mais, caso fossem utilizados pregos (Figura 14-B). Sr. Dener deseja claramente proteger a natureza dos perigos em que a colocam a deficiência estrutural do local.

PARADA 9 (Figura 15) - Uma solução criativa foi adotada para resolver dois problemas: a água pluvial que escorre pelo muro através de buzinos e a dificuldade de irrigação de uma árvore frutífera, provavelmente plantada e desejada por moradores da região. Apesar do imprevisto percebe-se o arranjo cuidadoso do apoio em pedra para a canaleta feita de pedaço de telha (Figura 15-A). Também é perceptível no local a existência de outras árvores frutíferas e plantas ornamentais incomuns no paisagismo feito pela prefeitura. Portanto, deduz-se que são árvores plantadas pela vizinhança que também se responsabiliza pela manutenção de poda e rega. E deseja proteger as árvores, tentando driblar a deficiência estrutural do local.

PARADA 10 (Figura 16) - Situação bastante comum nas áreas verdes do Setor Sul, a ausência de infraestrutura para drenagem foi uma demanda apresentada na época de elaboração dos projetos do CURA, mas eliminada na fase de suas obras. Pela topografia que também não foi devidamente trabalhada nos pontos em que havia necessidade, vários imóveis que optaram por se abrir às áreas verdes ficam prejudicados durante a época de chuvas (que em Goiânia vai de novembro a março, portanto um longo período do ano). No caso flagrado na Parada 10, o imóvel onde funciona o IGT – Instituto Goiano de Taquigrafia executou uma ponte de madeira que, embora não garanta acessibilidade adequada ameniza o problema de inundação. Ao lado da ponte percebe-se a execução improvisada de um duto que leva o excesso de água retida no local para o bueiro mais próximo (Figura 16-A). Estruturas improvisadas que expressam o desejo de resolver o problema de drenagem do local.

PARADAS 11 a 14 (Figuras 17 a 20) - A sequência de imagens registradas aqui situam-se no Bosque dos Pássaros (Figura 17), miolo de quadra abraçado pela vizinhança que se uniu de forma associativa para protegê-lo. É perceptível a superior qualidade ambiental que esta área tem em relação às outras que não tiveram a mesma sorte. Com a união dos moradores, várias árvores e arbustivas foram plantadas e são sistematicamente mantidas.

Claramente os moradores associados desejam proteger o espaço público e a natureza, e sociabilizar.



Figura 16 - PARADA 10. Fonte: Acervo da autora.



Figura 16-A – Duto de drenagem improvisado. Fonte: Acervo da autora.



Figura 17 - PARADA 11. Fonte: Acervo da autora.



Figura 18 - PARADA 12. Fonte: Acervo da autora.

Figura 19 - PARADA 13. Fonte: Acervo da



Figura 19-A – Depósito de lixo junto a árvore, próximo à Parada 13. Fonte: Acervo da autora.



A associação exige e acompanha o trabalho da prefeitura então, naquele trecho, há melhor iluminação, policiamento frequente e os equipamentos (quadra de esportes, mobiliário urbano) recebem maior manutenção, oferecendo melhores condições de uso.

Outro forte elemento da paisagem local são os grafites, expressão da arte urbana responsável por uma recente onda de interesses pelo Setor Sul. Há alguns anos, a partir daquela região, o bairro começou a receber uma quantidade expressiva de murais pintados nos muros cegos que circundam as áreas verdes, transformando-as em verdadeiras galerias a céu aberto. Galeria que, na região do Bosque dos Pássaros, oferece uma atmosfera mais acolhedora.

Mas todo esse cuidado não elimina seus problemas estruturais. A Figura 18 mostra a construção improvisada de um meio-fio para proteger o acesso à residência da água da chuva e a Figura 19 mostra a novamente o problema do lixo. Apesar de aqui ele estar organizado em sacolas, persiste o hábito de depositá-lo ao pé das árvores, mesmo sob a placa advertindo a ação. Isso revela a ausência de um plano mais adequado para a coleta de lixo feita pelo serviço público mas, principalmente, a imagem que alguns dos moradores continuam a ter dessas áreas como áreas abandonadas e sem importância. A Figura 19-A ajuda a compreender melhor o problema e expressa o desejo de reverter a situação.

A Figura 20 mostra outra situação frequentemente encontrada pelas áreas verdes do Setor Sul: algum improviso dos moradores para proteger as mudas plantadas do vandalismo. Restos de madeira de diferentes origens (provavelmente dos entulhos depositados nas mesmas áreas) são fincados no solo por moradores com o objetivo de proteger as plantas da circulação de automóveis e dos equipamentos utilizados para a coleta de lixo.

PARADA 15 (Figura 21) - Outra situação frequente: a necessidade de proteger os acessos às residências da água da chuva. A falta de infraestrutura de drenagem no interior das quadras estimula a criatividade para a confecção de valas, canaletas e pontes, como no detalhe mostrado na Figura 21-A. Expressam o desejo de proteger a natureza e conviver com ela, e de suprir a deficiência infraestrutural do local.

PARADA 16 (Figura 22) - O último ponto cartografado neste ensaio registra a disposição de pneus pintados, com e sem plantas, que protegem um recinto provavelmente utilizado por crianças, que desejam brincar no espaço público.

Ao analisar as materialidades cartografadas, percebe-se quatro padrões de comportamento que explicam a urbanidade existente nessas áreas verdes. O primeiro é o desejo de sociabilidade, expressos pela construção do forno, o uso das poltronas de ônibus e os

bancos, sejam de concreto, de toras ou de pneus, posicionados junto às residências mas de frente ao que o espaço público tem a mostrar. Por outro lado, a situação de improviso e precariedade da maioria desses elementos mostra que se trata de uma vitalidade por vezes passageira e que depende muito mais do desejo do morador do que de uma agitação constante da vida pública.



Figura 20 - PARADA 14. Fonte: Acervo da autora.



Figura 21 - PARADA 15. Fonte: Acervo da autora.



Figura 21-A - Canaleta. Fonte: Acervo da autora.



Figura 22 - PARADA 16. Fonte: Acervo da autora.

O segundo padrão encontrado é o desejo de contato com a natureza e, portanto, de proteção à vegetação e animais. Variadas formas de canteiros, sinalização para sensibilizar os vizinhos descompromissados e até o trabalho associativo, como no caso do Bosque dos Pássaros, são todos recursos utilizados para potencializar o que essas áreas tem de melhor: a inserção da natureza na paisagem urbana, no cotidiano das pessoas. Aqui os idealizadores da cidade-jardim conseguiram diálogo com a tradicional forma goiana de

habitar, que traz consigo hábitos de vida e signos referenciais fortemente associados ao meio rural e à natureza.

Além desses dois desejos marcados na paisagem – sociabilização e convívio com a natureza – encontramos outros dois aspectos da urbanidade local nos padrões identificados pela cartografia. Um deles diz sobre o problema do lixo: uma tensão presente em todos os recantos percorridos, entre os que entendem os miolos de quadra como terras de ninguém e portanto locais para depósito de lixo, e os que zelam pela sua limpeza e se mobilizam pelo fim desse hábito degradante.

O outro aspecto diz sobre problemas estruturais do bairro, nomeadamente a falta de adequados dispositivos de drenagem no interior das áreas verdes. Canaletas, pontes e meios-fios são improvisados para amenizar a ausência do poder público, desde a implantação do bairro, passando por todo seu processo de ocupação. Esses e outros problemas estruturais são empecilhos para a fruição da vida pública local mas vem sendo driblados pela criatividade e intervenção de moradores que, à sua maneira, vão construindo e equipando o espaço público à sua volta.

4. CONCLUSÕES

A cartografia sentimental contribui como método de análise de materialidades e comportamentos que não são capturáveis pelos meios oficiais de planejamento. Ao cartografar materializações da urbanidade local percebeu-se medos e desejos em uma vida pública escondida entre muros cegos e vielas pouco acessíveis.

Percebeu-se aspectos da cidade-jardim abraçados por alguns moradores, como a desejada convivência com a natureza, representada pelos dispositivos que tentam protegê-la. Também observou-se a vocação natural para a sociabilização, expressos pelos dispositivos colocados de forma a buscar interação com a própria paisagem, com o vizinho ou o passante. A Associação do Bosque dos Pássaros também revela a vocação desses espaços para a organização associativa.

Por outro lado, as falhas do poder público – nomeadamente a ausência de infraestrutura de drenagem e de um adequado esquema de coleta de lixo - também estão gravadas na paisagem através dos dispositivos construídos para driblar essas dificuldades e reprimir maus hábitos.

Tal como pistas para integrar as áreas verdes à vida pública do Setor Sul, as materialidades cartografadas possibilitam, a partir de sua leitura, dois promissores caminhos: potencializar

a integração com a natureza e o caráter de uso social desses espaços públicos, e minimizar deficiências estruturais como os problemas de drenagem e lixo.

Enquanto atividade *potencializadora* de desejos, esta cartografia sentimental buscou revelar a existência de uma urbanidade, ainda que dilapidada, em um lugar frequentemente associado à ideia de cidade fracassada. Assim, importa ressaltar a capacidade que tem a ação das pessoas comuns na construção cotidiana da cidade que se pretende habitar.

5. REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. A arte de fazer. 3ª ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 1998.
- FARIAS, Ana C. C., ANDRADE, Liza M. S. de, TENÓRIO, G. Urbanity and legibility at Av. Cora Coralina, GoiâniaGO / Brasil, from Jane's Walk movement. In: **Past, Present and Future of Public Space International Conference on Art, Architecture and Urban Design**. Bologna, 2014.
- FREITAG, Barbara. **Cidade dos homens**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. **Goiânia: uma modernidade possível**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.
- HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardins de Amanhã**. Introdução de Dacio A. B. Otoni. São Paulo: Hucitec, 1996.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 2ª ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar**. Goiânia: Edição do Autor, 2001.
- MELLO, Márcia Metran de. **Goiânia: cidade de pedras e de palavras**. 1. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2006.
- MOTA, Juliana Costa. O Setor Sul em Goiânia: o espaço público abandonado. In: **III Seminário Docomomo Brasil – A permanência do Moderno**. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://goo.gl/nxo9qq>, acessado em 24/07/2016.
- NESBITT, K. (org.) **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 15 - 80.
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. **Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, Ed. Da UFRGS, 2006.
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. Cidade-Colagem. In: NESBITT, K. (org.) **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 294-322.
- SOLÀ-MORALES, Manuel de. **De cosas urbanas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.